lítica para o setor leiteiro fatalmente acarretará uma nova divisão do mercado nacional entre produtores brasileiros e exportadores estrangeiros: os primeiros, ficariam circunscritos ao fornecimento de leite para a produção de queijo, manteiga, iogurtes e outros produtos de preço liberado, enquanto o leite em pó importado seria reidratado para o consumo subsidiado do leite tipo C. Tal divisão do mercado nacional exigiria importações anuais de, pelo menos, 100.000 ton de leite em pó estrangeiro. Como sequela, esta política consolidaria a incipiente retração do setor leiteiro nacional, deslocando uns 30% dos nossos pecuaristas para outras atividades.

Voluntariamente ou não, estamos sendo conduzidos para esta nova divisão de mercado, em que o Brasil se tornará significativo importador de leite em pó. Contra esta sequência de acontecimentos, vêm se rebelando os pecuaristas nacionais. De fato, é bastante discutível que os produtores nacionais devam desacelerar o crescimento de suas atividades a fim de premiar os produtores estrangeiros cuja penetração no nosso mercado vem amparada pelos maciços subsídios concedidos pelos seus governos.

*** SOJA

Alguns meses atrás, apenas se especulava sobre a provável firmeza dos preços internacionais neste ano. Agora já é suficientemente clara a situação de escassez no mercado mundial de soja, não sendo surpresa se as cotações alcançarem a casa dos US$ 400/ton nas próximas semanas. Com efeito, a previsão do estoque norte-americano em setembro é esclarecedora: 1,77 milhões de ton de soja comparados com 6,67 milhões no ano passado. O quadro atual, portanto, está muito próximo da situação extremamente precária que envolveu a oferta mundial em 72/73, quando os estoques norte-americanos fecharam em 1,62 milhões de ton.

O reduzido estoque nos EUA, contudo, não constitui a única medida da precariedade da atual situacão do mercado. Outros fatores igualmente relevantes permitirão compreender porque os preços deverão continuar em alta:

1) a demanda mundial tem se revelado surpreendentemente insensível ao aumento dos preços internacionais. Em 75/76, quando a produção mundial foi recorde (68 milhões de ton), os EUA e a Europa Ocidental - maiores produtores mundiais de farelo e óleo de soja - esmagaram 18 milhões de ton de soja no período outubro/março. Em 76/77, com uma produção mundial estimada em apenas 61 milhões de ton, o esmagamento combinado dos EUA e Europa, no mesmo período, não sofreu praticamente redução, alcançando 17,7 milhões de ton. Portanto, até a entrada da nova safra norte-americana em setembro, os preços deverão continuar se elevando para forçar a necessária redução do esmagamento;

2) devido à menor produção mundial desta temporada, aliada à expectativa de forte retração na atividade de esmagamento nos EUA e Europa Ocidental nos próximos meses, espera-se uma substancial redução nos estoques mundiais de farelo e óleo, principalmente deste último, cuja demanda vem apresentando claros sinais de recuperação em relação ao ano passado;

3) as últimas estimativas das safras de oleaginosas na Índia e na Argentina têm revelado que a produção nesses países será inferior ao que se esperava, com base em estimativas anteriores. Da mesma forma, a safra brasileira de soja provavelmente não alcançará 12 milhões de ton (as estimativas anteriores davam conta de 12,5 milhões de ton), em consequência da estiagem em algumas regiões do Paraná e São Paulo;

4) são cada vez mais frequentes os rumores de um iminente embargo das exportações norte-americanas de soja, cujo grau de intervenção poderia incluir desde a exclusão de importadores não tradicionais até a imposição de um embargo total das vendas norte-americanas ao exterior. A decisão dependerá somente da evolução do consumo e das exportações dos EUA nas próximas semanas. Como se espera forte redução na atividade de esmagamento nos próximos meses, o recurso ao embargo provavelmente será desnecessário. Não obstante, a eventual pressão de importadores não tradicionais poderá

forçar o governo norte-americano a intervir no mercado. Qualquer forma de intervenção no mercado norte-americano resultaria em imediato recrudescimento da pressão sobre os preços internacionais à semelhança dos acontecimentos posteriores ao embargo sobre as exportações norte-americanas em 1973.

Apesar da esperada manutenção da tendência altista, o mercado poderá sofrer algum impacto psicológico se o relatório de intenções de plantio nos EUA, a ser divulgado ainda este mês pelo USDA, apresentar uma estimativa de aumento de área superior a 10%. Uma pressão baixista desta natureza possivelmente não teria maiores efeitos sobre os preços da soja para entrega nos próximos meses, resultando entretanto em redução das cotações da próxima safra americana. O aumento do plantio neste ano não será solução para o quadro de aguda escassez em que deverá permanecer o mercado mundial nos próximos seis meses.

*****
****
***
**
*